FOLHETIM

O testamento de José Xavier Mousinho da Silveira

Ao favor de um amigo, devemos poder publicar hoje o testamento com que falleceu José Xavier Mousinho da Silveira. Esse amigo nos emprestou uma copia do dito testamento, que guarda religiosamente, como uma memoria d'aquelle honrado cidadão, que foi votado ao exilio politico, e ao mais ingrato esquecimento de que ha lembrança n'estes ultimos tempos.

N'esse papel, escripto vinte e dois dias antes de morrer, desenhou Mousinho da Silveira o seu caracter franco e sincero, a singelesa das suas crenças, a lealdade e desinteresse com que serviu a patria; e foi esse o ultimo lampejo do seu grande e elevado espirito.

O homem, que lá d'um penhasco no meio do oceano lançara as bases da nossa regeneração politica; — o homem que em cada decreto restaurava uma liberdade e resgatava escravos; — o homem que nos seus relatorios mostrava um espirito esclarecido e valoroso, e ao mesmo tempo revelava o mais perfeito conhecimento da organisação do paiz, e uma aspiração séria e convicta pela gloria e pela prosperidade da sua patria: — o homem a quem o maior escriptor portuguez d'esta época, o sr. A. Herculano, chamou um genio — passou, na phrase do visconde de Almeida Garrett, como um meteoro no nosso horisonte, mas deixou apoz si um rasto luminoso, que nem as nossas loucuras, nem os nossos erros, poderão jámais apagar no solo da patria.

Dois escriptores illustres dedicaram a sua penna á memoria de Mousinho da Silveira — o sr. A. Herculano e o visconde de Almeida Garrett: — mas nem um, nem outro investigaram minuciosamente os factos da sua vida, para que hoje possamos explicar alguns remoques que elle deixou no seu testamento.

É evidente que allude á ingratidão que a patria teve com elle, quando diz que deseja ser sepultado ou na ilha do Corvo, ou na freguezia da Margem, porque quer dormir o ultimo somno entre gentes *que se atreveram a ser agradecidas*. Ha n'esta expressão concisa, e á primeira vista indifferente, uma allusão evidente á ingratidão de que foi victima.

Pouca gente saberá talvez os termos em que é concebido o decreto da sua demissão de ministro da justiça e da fazenda, em dezembro de 1832. Todos se admiraram de certo quando souberem que o sr. D. Pedro IV demittia o seu esclarecido ministro usando da formula secca e dura — *Hei por bem nomear* — sem dizer que a demissão fôra pedida, e sem declarar que o ministro servira a seu contentamento! Isto hoje seria para pasmar! Estamos ahi vendo tantos ministros pygmeus, tantos conselheiros da corôa que foram ou ineptos, ou corruptos, ou que contribuiram para a desgraça do paiz, serem demittidos com todas as deferencias, com todas as honras, que deviam ser dadas exclusivamente aos ministros benemeritos! Mousinho da Silveira deixou apoz si um rasto luminoso, e aquelles deixaram um sulco profundo de immoralidade, de corrupção, de infamia ou de incpcia! E comtudo Mousinho da Silveira foi um grande ministro, libertou a terra e os homens; foi um gigante — e elles o que fizeram? O mesmo que ahi estão fazendo os que occupam agora os logares que serviram ministros como aquelle que illustrou o nome de D. Pedro IV, e foi o iniciador das grandes e radicaes reformas que transformaram o velho Portugal e lhe abriram as portas da civilisação.

Os habitantes da ilha do Corvo eram uns perfeitos ilotas, escravos de um donatario, que lhes sugava a substancia. Essa pobre gente não possuia o que era seu. Pagavam 40 moios de trigo a Pedro José Cauper, donatario da ilha, e mais 80$000 réis pela lã de um rebanho de ovelhas. Mousinho da Silveira, reduziu os 40 moios a 20, abateu o imposto no 80$000 réis, e por decreto de 20 de julho de 1832, constituiu a ilha em municipio, elevando á cathegoria de villa, a povoação da Senhora dos Milagres, com o nome de villa do Corvo. Estavam alli uns poucos de escravos, e o grande ministro restituiu-lhes a condição de homens livres. Os habitantes da ilha do Corvo mandaram uma deputação, para agradecer ao sr. D. Pedro IV, e ao seu ministro, a mercê que lhes haviam feito, e diz o visconde de Almeida Garrett, que já se achava quasi a partir, quando a deputação chegou a Angra, e que o ministro com as lagrimas nos olhos abraçara aquella boa gente; que fora libertada pela sua generosa iniciativa.

A este facto allude o testamento, quando diz, que os do Corvo se atreveram a ser agradecidos.

Emquanto á freguezia da Margem, não sabemos qual foi o facto que determinou a solemne manifestação exarada no testamento.

O documento que hoje publicamos deve ser lido e meditado com muita attenção, porque é uma lição de boa e sã moral, n'estes tempos que vão correndo. A gente fica triste ao considerar na grandesa do maior ministro de D. Pedro, e na pequenez da maior parte dos ministros que se lhe seguiram. Não haverá ahi o mais claro signal da nossa decadencia politica? E a grande o espirito de Mousinho da Silveira, não soltou uma queixa contra a ingratidão da patria. Diz que serviu o seu paiz em *boa fé*, e serviu; os factos confirmam o seu dito.

As leis que tem a sua assignatura serão o monumento perpetuo da sua gloria, são o termino onde acaba o velho Portugal e começa o novo, na phrase de um eminente escriptor, o qual tambem diz, que a sua obra foi continuada por outros que a não entenderam.

Note-se como elle falla da amisade, e quaes as recommendações que lega a seu filho, e como os conceitos politicos respiram a mais pura moral, e o patriotismo mais desinteressado. Ha alli uma profecia tremenda:

«Ou o liberalismo acabará as facções, ou estas o acabarão.» Conceito profundo, que deve ser bem meditado, porque exprime uma verdade fatal. Desgraçadamente parece caminharmos para o segundo termo da profecia—as facções acabarão o liberalismo.

Os seus inimigos foram os que preferem a phantamasgoria á verdade.

Aqui está explicada a causa da indifferença a que foi votado.

Mousinho da Silveira era tido nos ultimos tempos como um homem excentrico. Devia ser assim. Era desinteressado, leal, amava a sua patria, só mirava ao bem commum, e como diz sr. A. Herculano, não era agiota, nem barão, nem fidalgo, nem general, nem academico, nem periodiqueiro, mas tinha a desgraça de tomar a serio a liberdade do paiz.

Cremos que o testamento de Mousinho da Silveira será apreciado como um documento importante para a historia da sua vida, porque é o retrato fiel do seu caracter e do seu patriotismo.

As disposições testamentarias com relação aos seus restos mortaes, foram cumpridas, e lá repousa entre aquellas gentes da pequena ilha do Corvo, que se atreveram a ser agradecidas.

Do nome e dos serviços relevantissimos de José Xavier Mousinho da Silveira já poucos se lembram. Fique-lhe levantada aqui uma pequena e modesta memoria.

Amanhã erguer-se-ha um monumento grandioso ao general, ao rei, ahi no meio de alguma praça; mas ninguem repetirá o nome do minis-

lido e meditado com muita attenção, porque é uma lição de boa e sã moral, n'estes tempos que vão correndo. A gente fica triste ao considerar na grandesa do maior ministro de D. Pedro, e na pequenez da maior parte dos ministros que se lhe seguiram. Não haverá ahi o mais claro signal da nossa decadencia politica? E a grande o espirito de Mousinho da Silveira, não soltou uma queixa contra a ingratidão da patria. Diz que serviu o seu paiz em *boa fé*, e serviu; os factos confirmam o seu dito.

As leis que tem a sua assignatura serão o monumento perpetuo da sua gloria, são o termino onde acaba o velho Portugal e começa o novo, na phrase de um eminente escriptor, o qual tambem diz, que a sua obra foi continuada por outros que a não entenderam.

Note-se como elle falla da amisade, e quaes as recommendações que lega a seu filho, e como os conceitos politicos respiram a mais pura moral, e o patriotismo mais desinteressado. Ha alli uma profecia tremenda:

«Ou o liberalismo acabará as facções, ou estas o acabarão.» Conceito profundo, que deve ser bem meditado, porque exprime uma verdade fatal. Desgraçadamente parece caminharmos para o segundo termo da profecia—as facções acabarão o liberalismo.

Os seus inimigos foram os que preferem a phantamasgoria á verdade.

Aqui está explicada a causa da indifferença a que foi votado.

Mousinho da Silveira era tido nos ultimos tempos como um homem excentrico. Devia ser assim. Era desinteressado, leal, amava a sua patria, só mirava ao bem commum, e como diz sr. A. Herculano, não era agiota, nem barão, nem fidalgo, nem general, nem academico, nem periodiqueiro, mas tinha a desgraça de tomar a serio a liberdade do paiz.

Cremos que o testamento de Mousinho da Silveira será apreciado como um documento importante para a historia da sua vida, porque é o retrato fiel do seu caracter e do seu patriotismo.

As disposições testamentarias com relação aos seus restos mortaes, foram cumpridas, e lá repousa entre aquellas gentes da pequena ilha do Corvo, que se atreveram a ser agradecidas.

Do nome e dos serviços relevantissimos de José Xavier Mousinho da Silveira já poucos se lembram. Fique-lhe levantada aqui uma pequena e modesta memoria.

Amanhã erguer-se-ha um monumento grandioso ao general, ao rei, ahi no meio de alguma praça; mas ninguem repetirá o nome do minis-

tro que concebeu, redigiu e assignou as providencias que mais illustram o nome do rei—porque foram a semente fecundissima da liberdade—foram e serão o fundamento eterno da emancipação do povo portuguez.

Aqui teem agora os leitores o testamento, as ultimas palavrra do grande e heroico ministro de D. Pedro IV, José Xavier Mousinho da Silveira.

Em nome de Deus, Amen. — Estando em a minha saude habitual, e na livre administração dos meus bens, mas sendo certo que hei-de fallecer, faço este meu testamento. — Nasci no gremio da religião catholica apostolica romana, e n'ella me tenho conservado. Foram meus paes o senhor doutor Francisco Xavier Gramido, e minha mãe a senhora D. Domingas da Conceição Mousinho da Silveira, ambos nascidos na villa de Castello de Vide, districto de Portalegre, na provincia do Alemtejo, na qual eu tambem nasci no dia 12 de julho de 1780, e onde fui baptisado. — Dou graças a Deus por ter nascido de paes, que trataram de me radicar no amor da verdade e da justiça, e no despreso da vaidade do traje, e de qualquer outro fausto ou affectação, e devo a isto o não ter tido nunca alguma ordem ou titulo. — Quero que o meu corpo seja sepultado no cimiterio da ilha do Corvo, a mais pequena das dos Açôres, e se isto não poder ser por qualquer motivo, ou mesmo por não querer o meu testamenteiro carregar com esta trabalheira, quero que o meu corpo seja sepultado no cimiterio da freguezia da Margem, pertencente ao concelho do Gavião; são gentes agradecidas, e boas, e gosto agora da idéa de estar cercado, quando morto, de gente, que na minha vida se atreveu a ser agradecida —; qualquer que seja o local, onde o meu corpo fôr enterrado, quero que seja metido em um caixão ordinario e forrado de grogarin pregado, e antes preparado de fórma que possa soffrer a viagem ou jornada, sem incommodar os vivos, e o conductor o levará, como se levam os caixões de mercadorias, e pelo preço ordinario de fardos de volume egual; — quando tiver chegado ao seu destino, quero que seja entregue ao presidente, que de facto presidir na camara da ilha do Corvo, ou da villa do Gavião, e este dará recibo, que será entregue a minha mulher ou a meu filho, e receberá pelo cuidado uma peça de 8$000 réis, que tenha o cunho do senhor rei Dom João VI, e terá o trabalho de avisar o parocho para estar presente, quando por dois homens de paga fôr conduzido ao cimiterio em uma padiola; o parocho terá a cova ordenada, e na presença d'elle será enterrado, e d'isto passará certidão para ser entregue com o recibo, e o parocho dirá n'esse ou no dia seguinte, uma missa por minha alma, e receberá quando entregar a outra e a certidão da missa, uma moeda de 4$800 réis em oiro, ou prata, e estas despesas, que o meu testamenteiro fizer as pagará o meu filho, se quando eu morrer não tiver o dinheiro necessario; — Deus terá n'esse tempo disposto da minha alma, e espero que seja a bem d'ella, porque Deus é grande, e desculpará as minhas culpas em desconto de algumas boas intenções que me inspirou. — Peço ao senhor Francisco José da Costa e Amaral, que sobre os favores, que me fez em vida, me faça o da ser meu testamenteiro, e o de administrar os meus bens até que meu filho disponha a este respeito. — Deixo ao meu filho João Mousinho da Silveira, agora residente em Paris, capital de França, tudo quanto tenho, ou tiver quando fallecer, e declaro que não casei por carta de metade, e isto por ajuste verbal, que fiz com minha mulher, e por isso esta não deve ter meação, nem ha para que fazer inventario, ou partilha; mas como nunca foi o que tenho tido separado quanto ao goso dos trez, e antes para os usos da vida tudo foi sempre nosso, sem alguma idéa de meu e teu, espero eu, que depois da minha morte tudo seguirá assim, e que meu filho, o qual ama sua boa mãe, como ella merece, e sempre tem merecido, vivirá sempre com ella do mesmo modo, sendo para o uso commum da mesma o que meu filho tiver; mas no caso de acontecer que elles venham a não poder estar unidos na mesma casa e familia, deixo a minha mulher em legado o uso-fructo da herdade do Valverde, no termo de Marvão, com tudo quanto lhe tem ido pertencendo, ou vier a pertencer — espero em Deus, que nunca virá esta hypothese, para o meu filho nunca ser privado de ter junto a si a sua excellente mãe. — Deixo a minhas duas irmãs, ou qualquer d'ellas que sobreviver á outra durante a vida de ambas, ou de uma, o mesmo que lhes tenho dado annualmente, e um porco de duzentos arrateis, o dinheiro, que rendem os fóros vinculados, e o grão que produzem as courellas que tenho em Castello de Vide, e as que me ficaram em partilha de minha mãe, em Alpalhão, e outros terrenos, e posto que os fóros pertencem ao vinculo da herdade da Silveira, disponho d'elles por ser o meu filho sucessor e herdeiro. — Deixo ao meu amigo Joaquim Larcher os dois botões de oiro, que trago na camisa, e que elle mesmo me deu quando eramos ambos emigrados, e isto em prova de que nunca me esqueci do favor que me fez. — Deixo a meu filho em legado especial o meu *Domat*, que me deu o meu melhor amigo Sameiro, e o meu Horacio, que tenho em Paris, e que mos poe me deu quando eu tinha dez annos. — Deixo ao filho de João Pedro Barata, da villa de Alpalhão, e aos filhos do meu compadre Mourato da mesma villa, o fato e roupa que tiver quando fallecer, para ser devidido em duas partes eguaes, uma para o filho de João Pedro, e a outra para os filhos do Mourato. — Deixo a Joanna Paula, da mesma villa de Alpalhão, as propinas da quinta do Leão, que lhe deva em minha vida annualmente, e isto em quanto ella viver. — Peço ao senhor Francisco José da Costa Amaral que seja o meu testamenteiro, no caso que eu falleça em Portugal, e lhe deixo a faculdade de escolher nos meus livros os que elle quizer para si, e muito lhe agradeço o favor de me acolher em sua casa por muitas vezes e por muito tempo em cada uma. — Desejo sobre todas as coisas, que meu filho prefira sempre a boa moral á riqueza, e que no caso de vir a casar o não faça com mulher velha e nojenta, ainda que ella tenha o oiro da California: proferir a palavra — recebo a vós — para ser rico, é uma acção horrivel e immoralissima, e tambem desejo que elle encontre tão bons amigos como eu achei nas pessoas do desembargador dos aggravos, Antonio Xavier da Costa Sameiro, no vigario de S. Thiago de Marvão, José Carrilho de Vilhena, e no ministro e secretario de estado, Joaquim Pedro Gomes d'Oliveira, e mais tarde em Antonio Sampayo, que morreu em Paris, e em seu irmão Orbonne Henriques de Sampayo, que vive em Londres, a estes devo não ter pedido esmola quando fui emigrado, todos estes amigos eram verdadeiros, e capazes de dizer a verdade em face, e nenhum cuidava, que era preciso dizer coisas agradaveis a outrem para merecer o nome de amigo; coisas agradaveis dizem todos, desagradaveis só os amigos. — Recommendo a meu filho trez coisas, não como legados em termos pallidos, mas como recommendações que elle póde não seguir — a primeira é que veja se póde educar o filho da minha sobrinha D. Maria das Dores, e de seu marido, o senhor Cañavarro, o qual se chama Pedro, e me parece intelligente, e é muito bem construido; — a segunda é seguir o que eu prometti ao filho segundo do Mourato d'Alpalhão, que é dar-se-lhe auxilio para chegar a ser padre; — a terceira é que faça o bem possivel ao filho de João Pedro. — Declaro a minha mulher e filho, que estou muito contente com elles, e os reconheço pelos meus melhores amigos, espero que Deus os ha de ajudar. — Vim ao mundo em época fertilissima em revoluções e invenções, que devem mudar a face do mundo para grande melhora material e para maior multiplicação do genero humano; — são incalculaveis os factos, e descubertas dos caminhos de ferro, e se fôr feito um, que communique as duas costas da America, será isto por si o maior facto da historia da humanidade, e n'este facto gosará muito Portugal, quando vierem novas gerações, que não soubarem, que havia monopolio e escravos no Brasil. — O grande ponto é que o mundo moral acompanhe o desenvolvimento material, e para isto tudo se depende de dar educação ás mulheres, as quaes teem muito maior importancia do que se lhes tem dado — ellas são o deposito do genero humano, o principio de toda a civilisação e a base de todos os sentimentos benevolos e generosos, e antes dos filhos serem apreciados ou instruidos estão já por ellas perdidos ou ganhos. — Fui duas vezes ministro, mas nunca me expliquei a rasão de nomearem ministro a um homem que nunca pôde saber alguma lithurgia, e que tinha a força de impugnar a vontade dos principes e de lhes dizer a verdade: — tambem fui por vezes deputado, sem conceber, como era possivel inculcar-se cada um para isso, e como havia gente, que fosse ministerial ou não; — dizer que eu havia votar por estes ou aquelles, sempre me pareceu absurdo, e sempre votei como entendi, bem ou mal, em cada hypothese; — nunca fui nem era capaz de ser faccioso, e estou convencido que o liberalismo é bom, quando não é faccioso, pois sendo elle a analyse do que deve ser, não póde ser o serviço de alguma facção, e por isso, ou estas o acabarão, ou elle as acabará, e Deus queira que seja isto e não aquillo. — Servi o meu paiz em boa fé em differentes logares, e por muitos annos, e Deus queira que o meu filho, ou a minha mulher, tirem d'esse serviço algum proveito. — Sai dos empregos por ser fiel á Carta, e a Carta veiu e eu liquei peior que os infiéis; os meus inimigos foram aquelles, que não querem a verdade e que perferem a tudo a phantasmagoria; e desgraçadamente o mundo dos meus dias requeria gente que não tivesse fé em nada para poder fingir que a tinha em tudo. — Cuido que depois de morto virá o tempo de me fazerem justiça, e que o meu nome não ha de envergonhar o meu filho. — Deus me ajude em vida e me salve a alma. — Lisboa, doze de março de mil oitocentas quarenta e nove. — José Xavier Mousinho da Silveira.